

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SOARES, Mário Luiz Gomes . Mário Luiz Gomes Soares (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 55min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSITY OF SYDNEY e AUSTRALIAN RESEARCH COUNCIL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Mário Luiz Gomes Soares  
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2022

### ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Técnico de gravação:*** Ninna Carneiro;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 10/03/2015 a 10/03/2015

***Duração:*** 0h 55min

Arquivo digital - áudio: 1; MiniDV: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Global Arenas of Knowledge”, desenvolvido pelo CPDOC em convênio com a University of Sydney e financiado pelo Australian Research Council, entre agosto de 2013 e dezembro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a produção de artigos acadêmicos e paper em congressos.

***Temas:*** Atividade acadêmica; Bolsas de estudo e de pesquisa; Carreira acadêmica; Formação acadêmica; Intercâmbio científico e tecnológico; Meio ambiente; Orientação educacional; Pesquisa científica e tecnológica; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Rio de Janeiro;

## *Sumário*

Entrevista: 10 de março de 2015 Trajetória acadêmica: os temas pesquisados, doutorado na USP; o trabalho no Instituto Estadual do Ambiente (INEA), os primeiros contatos com a temática das mudanças climáticas; a pesquisa sobre a elevação do nível do mar nos manguezais; o trabalho em Guaratiba; breve comentário sobre a atuação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); a orientação de alunos de graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); detalhes do trabalho de marcação dos mangues; a importância do monitoramento constante; o processo de contratação na UFRJ; o estudo do crescimento e da migração dos mangues: o grupo de trabalho, a comparação com outros estudos; o trabalho em conjunto com a prefeitura e com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) sobre a análise dos efeitos da mudança climática no Rio de Janeiro; a análise de vulnerabilidade dos manguezais; o resultado dos trabalhos; comentários sobre os objetivos da pesquisa acadêmica; a participação em comitês e conselhos; a experiência com os conflitos ambientais; a popularização do tema das mudanças climáticas; o trabalho com sequestro de carbono; a expansão da pesquisa a novas áreas: as dificuldades, o carbono no subterrâneo, a discussão sobre a mercantilização do carbono e dos produtos das pesquisas, a diversidade do mangue brasileiro; a expansão internacional do estudo: o diálogo com pesquisadores e instituições internacionais, as dificuldades, a rotina de trabalho e publicações conjuntas; a publicação em nível nacional e internacional; a produção de relatórios; comentários sobre a pressão acadêmica para publicação; opinião sobre o foco excessivo em status na academia; a importância do pensamento crítico para pesquisadores; a utilização de redes sociais.

*Entrevista: 10/03/2015*

**João Marcelo (JM):** - Bom, hoje é dia 10 de março de 2015. Entrevista com o professor Mario Luiz Gomes Soares. Obrigado por ter me recebido. A primeira pergunta que a gente sempre faz é sobre a sua trajetória, formação, de como você chegou a entrar nesse âmbito de variabilidade climática, você é formado em Oceanografia...

**Mario Luiz Gomes Soares (MS):** – Sou, sou. Eu fiz graduação em Oceanografia aqui na UERJ. E em seguida fui fazer meu doutorado na USP, não é? Oceanografia biológica, também.

**(JM):** - Isso final dos anos 80, que você se graduou aqui, não é?

**(MS):** - Eu me graduei em 87 para 88, [incompreensível 00:38] última greve, também.

**(JM):** - Atrasou um pouco?

**(MS):** - Aí, fui para 88. Final de 87, 88. E aí em 89 eu fui para... para a USP. Que eu fiz meu doutorado lá, também com manguezais, não é?

**(JM):** - Desde a graduação você tem o tema de manguezais?

**(MS):** - Desde a, desde o quarto período da faculdade. Sempre estagiando, e tal. Estagiava, inicialmente, com fauna, não é? Mas rapidamente foi o trampolim para eu trabalhar com ecossistema. Eu vi que o que me interessava era essa abordagem mais do ecossistema, que acaba se confundindo um pouco com a vegetação, mas eu faço questão e dizer que eu não sou botânico. Dou sorte que, no caso dos manguezais que a gente estuda, são poucas espécies. Então, eu não tenho problema nenhum com identificação de espécie e tal... Não sou botânico, é mais uma visão de ecologia, de ecossistemas e tal. Então, fui para lá, fiz o doutorado lá, e...

**(JM):** - Quem te orientou lá?

**(MS):** - A professora Yara Novelli, que é a referência de manguezais no Brasil, já está aposentada. E logo comecei a trabalhar com várias coisas além da tese e tal. E desenvolvi minha tese com um tema que, mais recentemente, a gente voltou a resgatar atpe por questão de **sequestro de carbono** [verificar 1:54] que foi desenvolvimento de modelos para estimativa de biomassa, não é? Que na época nem se pensava muito nessa coisa, nesse negócio de carbono. Sabia que ele era importante na... para entender a reciclagem de carbono... e tal. Mas era uma ferramenta. E, nessa época já, já na década de 90, de meados ao final da década de 90, eu me envolvi em uma disciplina... o que é que acontece? naquela época o doutorado você podia fazer

em 8 anos... nem se preocupava muito. E na época, mesmo, eu parei meu doutorado um tempo e voltei para o Rio para trabalhar.

**(JM):** - Ah, é?

**(MS):** - Mas nem tranquei! Porque era tanto tempo. E aí eu voltei para trabalhar aqui no Instituto Estadual de Florestas, não é? que não existe mais. Que foi fundido com FEEMA e SERLA e virou INEA

**(JM):** - Na época você fez um concurso ou funcionário?

**(MS):** - Fui contratado. E aí eu me tornei... em Guaratiba, fui como técnico na reserva biológica de Guaratiba, que hoje é uma das principais áreas dos nossos estudos. E, posteriormente, virei chefe lá da reserva, mas fiquei muito pouco tempo. Fiquei 3 anos, talvez, menos. Mas em paralelo, não é? Com a tese correndo, e tal. E meus modelos eram desenvolvidos tanto em São Paulo, quanto no Rio. Então, tive amostragem em Bertioga e amostragem em Guaratiba. Então, comecei a fazer isso. E nessa época final do doutorado, já tinha essa preocupação de mudanças globais... Eu comecei a me preocupar muito com isso.

**(JM):** - Falava-se disso nessa época? Com esse termo "mudança climática"?

**(MS):** - É... Falava... [indeciso]. No caso dos Manguezais a gente fala muito em resposta à elevação do nível do mar. Então, hoje a gente já tem uma... até nossa pesquisa ela já é muito mais ampla que isso. Mas eu comecei a me preocupar muito com isso, fiquei muito interessado, comecei a estudar e fiz a disciplina com uma outra referência. Foi a minha última disciplina do doutorado que foi o professor Kenitiro Suguio, que é uma referência, estudei os livros dele. É de sedimentologia, na área de Geologia. Ele era do Instituto de Geologia da USP, uma referência, um senhor, já. Mas era referência em **[incompreensível 4:02]**, mas ele já tinha muitos trabalhos com comportamento dos manguezais no quaternário, nos últimos 10 mil anos, no **[incompreensível 4:08]**, não dos manguezais, mas assim em nível do mar. E aí, eu fui fazer uma disciplina com ele, até porque eu achava o tema interessante. E tinha um seminário, não é? Tinha que fazer um seminário sobre o tema da tese. Eu falei "minha tese não tem nada a ver com isso". Aí eu sugeri para ele "pô, posso fazer um seminário sobre a resposta dos manguezais à elevação ao nível do mar?" Aí ele "pode". Aí eu fiz o seminário, e foi nesse seminário que surgiu o primeiro esboço do modelo que a gente veio a publicar depois. Publicamos só em 2009. Que foi amadurecendo esse modelo conceitual de resposta dos manguezais à elevação do nível do mar. Ele veio amadurecendo, a gente apresentou esse modelo a primeira vez no Congresso Internacional em 2000 no Canadá. A disciplina do Suguio eu devo ter feito em 97,

96... eu fiquei lá no doutorado um tempão. Mas nunca tinha publicado, ainda não sentia segurança, mas ele já tinha sido submetido à comunidade científica internacional no congresso, tinha sido bem recebido. Foi até bom, porque a gente conseguiu lapidá-lo e.. Então, surgiu ali, na verdade...

**(JM):** - Nesse seminário lá na USP?

**(MS):** - Da disciplina... aprofundamento, eu diria, assim, nessa questão. E aí até foi... isso acabou sendo introduzido no laboratório da minha orientadora, na época, e ela começou a se interessar por isso.

**(JM):** - Isso, depois?

**(MS):** - É, depois do seminário. Daí eu mostrei interesse, eu achava interessante... A gente chegou junto eu, ela e um colaborador dos estados Unidos a fazer um capítulo de um livro, também, que foi publicado em 2002. E nesse seminário, nesse congresso no Canadá em 2000, eu me lembro que eu apresentava... a primeira que eu apresentava esse modelo, eu já derrubava o modelo que a gente ia publicar no ano seguinte. Eu falava "não, esse aqui já está... precisa de um detalhamento maior e tal." Então, sugiu por aí o interesse, não é? E essa linha. Aí, eu voltei para o Rio, fiquei lá no Instituto estadual de florestas, fazendo minhas coletas, não é? Fui fazer coleta lá. Interessante, porque o Guaratiba foi o primeiro manguezal que eu entrei na vida, quando era moleque, que tinha um sítio de um amigo do meu pai, toda uma questão...

**(JM):** - Uma relação afetiva...

**(MS):** - É, umas coisas que eu acho interessante, umas coincidências, não é? Que a gente não sabe se são coincidências, foi o primeiro mangue que eu entrei, depois virei administrador da reserva e posteriormente, fui fazer meu doutorado ali e hoje é a minha principal área de pesquisa. É onde a gente mantém os principais estudos ali no Guaratiba. E aí, começou aquelas coisas da administração, cheguei a ser ameaçado de morte, por causa de fiscalização... Falei "pô, não vou ficar nisso aqui mais". Aí, eu falei "não vale a pena..." Aí eu fui para o... não tinha apoio da administração central...

**(JM):** - Tinha, essa discussão aparecia como gestora, assim, por parte da administração de algum político, algum movimento social, aparecia essa discussão?

**(MS):** - De quê, discussão de quê?

**(JM):** - Não acadêmica, digamos assim...

**(MS):** - Mas que tipo de...?

**(JM):** - Variabilidade climática...

(MS): - Não, não. Nessa época, não se falava nada disso. E nem a gente tinha começado a fazer esse trabalho. Tinha feito um seminário, até então, tinha feito um seminário. E aí teve essa questão toda, o doutorado meio que parado, não é? Comecei a ter problemas administrativos, aí começou ameaça de morte e tal... [incompreensível 7:15], aí fui para o centro da cidade pedir demissão. E uma colega perguntou "ah, o que é que está fazendo aqui?" "vim pedir demissão, não aguento mais!" "Ah, não vai não, fica aqui!" Aí, fiquei mais um tempo, porque ela precisava de um técnico na educação ambiental. Eu falei "então, não, então fico aí". Mas fiquei pouco tempo, aí eu saí, já devia ser 94. Aí eu fui ser professor substituto na UFRJ.

(JM): - Lá no fundão?

(MS): - É, na ecologia... na biologia marinha! Fui ser substituto em 94, fiquei lá um ano mais ou menos. E aí eu tinha que retomar minhas coletas, minhas amostragens, finalizar. E aí, eu voltei aqui, para a UERJ, tinha esse professor, fiz meio que um acordo extra oficial, me deram um espaço, eu falei assim "ó, fico aqui para terminar minhas coisas e me comprometo a orientar alunos de graduação, abrir uma linha nova, e tal...

(JM): - Mas aí você não tinha feito nenhum concurso pra cá...

(MS): - Ainda não. Aí eu fiquei aqui. E foi nesta "extraoficialidade" não é? que eu comecei a orientar alguns alunos aqui. E, em um destes trabalhos de campo, a gente se deparou com um evento de colonização de planície hipersalina que é a área que tem atrás do **manguezão, uma espécie de mangue [verificar 8:24]**, e aquilo me chamou muito a atenção, porque eu tinha passado por uma experiência parecida em Cananéia, onde eu tinha visto uma colonização e eu queria marcar. E minha orientadora "não, isso não vai adiante, isso é um evento isolado..." e tal. Tal, tal, tal. E anos depois eu voltava lá e os caras já até encarnavam "pô, olha aí, que tu não marcou" que ela não quis... era uma floresta enorme.. Então, quando surgiu isso aqui eu falei "pô, vou marcar!" E eu já tinha na cabeça questão do nível do mar, ou seja, como é que está colonizando uma coisa atrás, pode estar migrando, não é?

(JM): - No seminário tinha a questão...

(MS): - É. Lá por 94, 96, a gente foi e marcou.

(JM): - Marcar, você chama de...?

(MS): - Etiquetar cada plantinha nova é etiquetada. São marcadas até hoje. Ou seja, a gente tem uma série de 15 anos, de 16 anos, dados contínuos ininterruptos, acho que em nenhum lugar do mundo tem essa quantidade de anos em uma área de manguezal. Então a gente

começou a marcar aquilo e monitorar, ou seja, para ver se aquilo era um evento isolado, se ia se consolidar e tal. Hoje é uma floresta! As plantinhas marcadas é uma floresta...

**(JM):** - Da época em que você começou...

**(MS):** - E ela corroborava o modelo conceitual. Então, a gente começou a marcar aquilo. E aí foi surgindo, várias coisas de lá, para cá, não dá nem para relatar, muita coisa. Monografia, dissertação, tese sempre em cima dessa migração, ou seja, o mangue migrando e tal. Cada um fazendo um evento, a gente chegou a fazer uma especulação de uma tese de doutorado de uma professora aqui para ver como se comportou no Holoceno, nos últimos 10 mil anos, para corroborar essas coisas todas. Então surgiu aí, não é? E virou na verdade um grande promotor do nosso grupo, não é? Ou seja, reconhecimento que o grupo tem hoje, muitos devem a esse dado valioso que ninguém tem, não é? Então, é o que eu sempre falava quando a gente já estava com uns 10 anos de dados "pô, quando as pessoas se tocarem que é relevante..." eu sempre defendi muito isso, não é? dado contínuo. Monitoramento.

**(JM):** - Séries, assim...

**(MS):** - É. "Quando as pessoas se tocarem em ter séries, quando elas tiverem 10 anos, a gente vai ter 20!" Ou seja, é o tempo perdido que não se alcança, não vai te alcançar. Não é? Então, é uma coisa muito importante. E a coisa do dado simples, não é? Vou falar: muitas vezes as pessoas ficam preocupadas com equipamentos sofisticados... eu falei "mais importante ou tão importante quanto isso, é trabalhar mais profundamente o dado simples, ou seja, o dado retirado com uma régua, com alguma coisa. Fazer a ciência na cabeça, não é? E não simplesmente apertando o botão..."

**(JM):** - E nessa época você estava montando um pouco essa equipe ou estava faltando...

**(MS):** - Não, foi aí que eu estava montando o grupo, não é? Eu ainda nem era professor aqui. Aí eu defendi meu doutorado em 97. E fui contratado como professor visitante aqui. Aí fiquei um ano como professor visitante. Depois fiquei um ano como recém doutor, não é? Na época era um pouco diferente.

**(JM):** - é um concurso diferente.

**(MS):** - É, o visitante é da UERJ e o recém doutor era do Cnpq. Mas hoje já nem tem mais, não é? O que acabou sendo incorporado como pós doc hoje. Acaba que muitos pós doc hoje são recém doutores, não é? Então, eu era recém doutor e aí em 99 fiz um concurso. Na verdade eu fiz um concurso primeiro para Ilhéus, e aí eu passei lá e fiquei naquele dilema, porque minha esposa também passou para lá, fiquei num dilema que eu tinha que deci... que tinha que



conseguir conversar com a reitora lá para adiar um mês a posse, mas não batia, porque o concurso aqui não tinha ocorrido. Então eu tinha que decidir lá, sem ter passado aqui, não é?

**(JM):** - Caraca...

**(MS):** - Aí eu abri mão de lá, fiz aqui e passei. E aí, assumi em 2000. E aí comecei a consolidar mais o grupo, e tal. E fomos diversificando, outras várias linhas, mas sempre tendo esse eixo central da resposta do manguezal às mudanças climáticas, que depois a gente avançou e hoje a gente trabalha muito com variabilidade climática, ou seja, os ciclos, também. Não apenas a mudança. Então, hoje a gente já tem uma coisa... Um modelo mais sofisticado. Aquele modelo original já um pouco mais sofisticado, mostrando que além do processo você tem ciclos sobrepostos aos processo.

**(JM):** - Nessa época, existiam outras pessoas assim, do Brasil, que estavam trabalhando temas similares sobre manguezais, variabilidade...

**(MS):** - Não... Estava começando. Estava se começando e eu tive que, até hoje, tem muito pouca gente.

**(JM):** - E em outros lugares que tem áreas de manguezais relevantes tinha academia produzindo?

**(MS):** - Já tinha gente produzindo, mas a maioria desses estudos eles se reportavam... e até hoje, ainda tem. Eles se reportavam muito ao comportamento do holoceno, ou seja, como o mangue se comportou nos últimos 10 mil anos, quando o ciclo... o nível do mar oscilou. Então, espera-se que se comporte da mesma forma, ou seja, de forma similar. Até para a elaboração do modelo conceitual eu me baseei muito nisso. E, mais recentemente, começaram uns estudos mais de modelos de como o manguezal responderia tal, tal, tal. Mas, dado, mesmo, ninguém ainda tem. É muita coisa conceitual. O mangue vai subir... se o nível do mar sobe tanto, o mangue vai subir... ninguém ainda atestou... observou a migração como a gente está observando. Tanto que, até hoje, a gente ainda não publicou esse dado de forma completa. Esse, essa migração toda, não. Publicamos alguns pedaços. Algumas coisas que a gente foi juntando novas evidências de outras partes da floresta, posteriormente. Além dessa faixa de colonização, não é? que é a interface, a gente começou a partir para a fase seguinte que é saber "pô, será que isso acontece ou vem acontecendo a mais tempo?" Então a gente começou a trabalhar com anéis de crescimento, começou a ver que tinham patamares... Então, a partir dos patamares que a migração não era contínua, que a gente começou a ver "pô, tem uns patamares e tem uns pulsos. Que pulsos são esses?" Abriu caminho para variabilidade climática, não é? Períodos

secos, períodos úmidos. E a gente foi em seguida começou a marcar as árvores adultas da floresta adulta. Isso já em dois mil e... tem uma defasagem, talvez, de 6 anos. Ou seja, uma série na floresta adulta. E a gente observou que a floresta adulta tinha a mesma resposta, ou seja, então, o que a gente tinha, aquele sistema todo, apesar da floresta estar, mais ou menos, madura, ela também migrou. Ela também era fruto dessa migração. Então, mostrando que era um evento já ocorrendo há algumas décadas, a gente não sabe exatamente o quanto. Então a gente ainda tem essa dificuldade da idade, que é por onde a gente está investigando por anéis de crescimento e tal, que não é tão simples, os troncos, não é?

**(JM):** - Quando você fala, sempre fala no coletivo plural. A gente, a gente, agente... Você se refere basicamente a sua equipe de doutorandos e mestrandos ou tem colegas de outros lugares do Brasil?

**(MS):** - É basicamente o grupo daqui. A gente tenta interagir com os outros, mas a gente vai em conjunto colher esses dados, então, é difícil comparar. Tanto é que agora a gente trabalha no Brasil - chego lá e já te explico - com outros grupos, mas basicamente nosso grupo. Quando eu falo nós é, porque hoje eu tenho os docentes aqui, tem os colegas que [**incompreensível 15:35**]. Tem um colega da sala do lado, que foi bolsista de iniciação científica meu. Outro que foi professor visitante também...

**(JM):** - Legal.

**(MS):** - Então, os pós docs, e tal. Então, porque é um grupo, não é? Não dá para fazer sozinho sem... desde o... da iniciação científica até o pós doc.

**(JM):** - E como é que foi essa circulação internacional, assim, da tentativa de fazer o modelo, etc. Tinha um, digamos assim, já estabelecido, em vias e se estabelecer, um modelo alternativo...

**(MS):** - Existia, na verdade, uma coisa que a gente fez, foi, mais ou menos, uma compilação de informações que já existiam. E, meio que corroborando com a nossa observação. Ou seja, o que se relatava e o que a gente analisou é... o comportamento no passado, no holoceno, no passado geológico, e alguns colegas aí de fora já falavam "não, vai migrar se acontecer isso..." Então a gente compilou tudo em um modelo conceitual. Ou seja, se ele realmente... se a condição for essa, acontece isso. Se a condição for essa, acontece isso. Se a condição for essa, acontece isso. E aí, hoje a gente está aplicando... tem um pós doc aqui e a gente está aplicando isso no Brasil, não é? Ou seja, vulnerabilidade dos manguezais do Brasil e elevação do nível do mar. A gente chegou a fazer isso em 2006 para a prefeitura do Rio.

**(JM):** - Foi encomendado pela prefeitura esses estudos?

**(MS):** - É, foi um estudo, na verdade... [desculpa que isso está uma bagunça... um livro que foi... deixa eu ver se está aqui... você encontra até no site do Instituto Pereira Passos...]

[o entrevistado estava procurando algum material para o entrevistador]

**(MS):** - A prefeitura do Rio, o que ela fez, ela tomou iniciativa... ela queria analisar o município frente às mudanças climáticas. Preparar o Rio para os próximos 100 anos. Mas, basicamente, foi focado em cima da elevação do nível do mar e escorregamento, costa, e tal. Então, ela pegou o pessoal que trabalha com transporte, saúde, saneamento é... saneamento.. e fez uma análise em cada tema... E a gente fez a parte de manguezais, de sistemas costeiros e tal. E, posteriormente, uns dois anos depois - esse ano eu tenho impresso - teve um projeto que foi de megacidades, que era um projeto similar a esse, foi coordenado no Brasil pelo INPE e pela Unicamp, que era para megacidades do mundo e a resposta dessas megacidades às alterações climáticas. E, no Brasil, foi São Paulo e Rio de Janeiro. Rio de Janeiro como exemplo costeiro.

**(JM):** - Você lembra quais eram as outras cidades?

**(MS):** - No mundo, não lembro. Lembro só do Brasil, as outras... não sei se a cidade do México estava... Barcelona... Tinha algumas...

**(JM):** - E o financiamento era da ONU? Alguma coisa?

**(MS):** - Aqui no Brasil, na verdade a gente.... foi um trabalho intelectual.

**(JM):** - Ah sim sim... em cima de literatura

**(MS):** - Em cima de expertises já estabelecidas e tal. E aí a gente fez novamente... só que aí no ano seguinte a gente conseguiu pegar essa mesma metodologia que é a base do modelo conceitual, cruzado com outras informações e a gente expandiu para a região metropolitana de todos os municípios do grande Rio e tal. Então foi... agora a gente está fazendo isso: uma análise similar, só que com uma escala muito maior não é rum refinamento tão grande, para o Brasil, não é? Ou seja, o sistema costeiro brasileiro especificamente manguezais a resposta de eleição dos cenários atuais...

**(JM):** - Isso é uma demanda pública também?

**(MS):** - Não, é uma iniciativa nossa. Está meio que associado ao INCT que a gente participa, não é? que é ambientes tropicais costeiros... o INCT coordenado pela Federal da Bahia e está mais ou menos associado... o bolsista de pós doc é por lá. Mas é uma demanda nossa, não é? Em geral e tal.

**(JM):** - Essa, inclusive da prefeitura gerou livro, não sabe se chegou a gerar alguma ação no âmbito da prefeitura, secretarias... pensando a longo prazo?

**(MS):** - Tinha muita contribuição de técnicos da prefeitura, mas não teve até porque várias decisões que tinham... foram tomadas depois, não consideraram isso.

**(JM):** - Não consideraram...

**(MS):** - Estabelecimento de, por exemplo, a companhia siderúrgica da atlântica CSA. Quando a gente fez isso, não existia CSA. Então, aquele manguezal. A gente classificou os manguezais de alta, baixa e média vulnerabilidade em elevação do nível do mar, uma coisa relativa. Aquele manguezal associado hoje a frente a CSA, nessa ocasião, ele tinha sido classificado de baixa vulnerabilidade, porque existia uma área, retro-área para ele se acomodar. Quando a gente fez a análise do megacidade, já tinha CSA. Então, ele foi de alta vulnerabilidade. Ou seja, então a não implantação de uma política adequada alterou a vulnerabilidade do sistema. Deixou estabelecer um empreendimento. Da mesma forma, COMPERJ ou seja, então, na verdade foi o contrário, ou seja, eles tinham um documento e... como a gente sabe não é? na hora de você estabelecer a política pública, você rasga, não é... Igual COMPERJ, não é? A gente fez uma análise do COMPERJ...

**(JM):** - Vocês fizeram uma análise? Iniciativa própria ou também foi...

**(MS):** - Própria. E a gente participou dos conselhos, não é? **[incompreensível 21:42]** mostrando uma análise política, não é? Até fizemos uma apresentação no Ministério Público de lá, não é? Lá na audiência pública, mostrando que várias das políticas públicas da área de onde está o COMPERJ, Guanabara, Mosaico, Atlântica, não foram consideradas na decisão. Foi uma decisão puramente política e econômica.

**(JM):** - É comum vocês participarem dessas audiências?

**(MS):** - A gente participa muito dos conselhos.

**(JM):** - Os conselhos quais? De gestão de...

**(MS):** - Das unidades de conservação, por exemplo, de Guaratiba a gente participa. **[Incompreensível 22:14]** a gente participa, do Mosaico Central, da Mata Atlântica, também a gente participa, até os manguezais. Faço questão muito disso, de mostrar para o pessoal a importância...

**(JM):** - Como é essa... interação, assim. Atores que muitas vezes não são da ciência, ou tem uma relação mais lateral: tem interesse no tema, mas não necessariamente conhecimento científico... É interessante?

**(MS):** - Eu me sinto super gratificado, cara. A melhor coisa que tem é tu ver que tu está junto, está servindo para alguma coisa. Que hoje, uma das críticas que eu faço maior, é antes a gente falava ciência por ciência, não é? Hoje é ciência pelo cientista, não é? O cara está produzindo, simplesmente para manter o status dele. E o acesso aos grandes... Quando tu vê o cara está reproduzindo a pesquisa, duplicando a mesma coisa, a mesma coisa. Vira pesquisador 1 do Cnpq. Ou seja, acaba que a ciência está sendo caminho para ele manter a posição dele, não pensando no objetivo final. Tal ao qual a... aplicação social. A responsabilidade social da ciência. Então, a gente tenta muito ter esse cuidado, não por esse caminho e tal. Então tem várias iniciativas que a gente participa. A gente participa de vários comitês, não é? De política estadual, federal... no painel brasileiro das mudanças climáticas...

**(JM):** - Hum run... Vocês participam também do painel?

**(MS):** - Estamos nesse primeiro relatório a gente participou, tem um capítulo lá... parte de manguezais... Gustavo foi, também. A gente foi de um plano de ação nacional dos manguezais. Tem vários... De MMA de adaptação às mudanças climáticas... Entendeu? Conflitos... Tem vários conflitos a gente entra [risos] com a parte do conceito... carcicultura, também... cultura de camarão... A gente entrou em um conflito que estava meio associada a criação de uma reserva extrativista na Bahia, que é uma das áreas que a gente trabalha. E acabou, que a gente foi fazer o estudo para a criação da reserva extrativista a pedido do IBAMA, não é? Então, a gente foi lá no IBAMA do ICMBio e acabou se envolvendo em conflito, não é? Tanto que eu trabalho com... eu tenho uma disciplina que é de conflitos ambientais...

**(JM):** - Ah, tem? Você ministra na pós?

**(MS):** - Na pós e na graduação.

**(JM):** - Conflitos ambientais?

**(MS):** - É, conflitos ambientais. Começou no doutorado e aí me causou uma angústia tão grande que.. os doutorandos já estão viciados, não é? E aí eu criei na graduação. Falei "não, tem que intervir nos caras da graduação essa disciplina." E aí, foi o maior barato! É o que me dá mais prazer hoje.

**(JM):** - E como é que é essa disciplina? Tem leituras interdisciplinares?

**(MS):** - É só leitura...

**(JM):** - Aham...

**(MS):** - A maioria do texto é pessoal de sociologia, antropologia... não tem nada de oceanografia. É mais esses textos... Tanto é que estão aí... Tem um monte de texto, tem uns

livros aí. Para além do capital do Mezaros, ou seja, muito do pessoal da área de conflitos, mas o pessoal da área da sociologia e antropologia.

(JM): - Deve ter, talvez, alguma coisa de **[incompreensível 25:24]**, o pessoal trabalha muito o conflito...

(MS): - Tem, tem, o Henri Acselrad...

(JM): - **[Incompreensível 25:30]**

(MS): - É, toda essa galera... Então é muito legal, porque traz uma linguagem diferente para os alunos. E mais! Quebra uns paradigmas que eles "pô, mas é isso?" Você mostra o outro lado da história, não é? Então é bem legal. Hoje... Tanto que hoje na graduação ainda dou essa disciplina. As outras disciplinas que eu dava, os moleques que eu formei aí da UERJ...

(JM): - [risos] Estão encrocados agora, mais especializado...

(MS): - Manguezal...

(JM): - E vem cá: nessa época em que você começou, pensando lá desde o seminário lá na USP, etc e tal, o tema não aparecia ainda dessa maneira "mudanças climáticas". Imagino que nas agências financiadoras também não tinham também editais com essa rubrica ou coisa similar. Passou a ter em algum momento?

(MS): - Passou a ter a partir da divulgação do penúltimo relatório do ABCC,

(JM): - Não esse último, agora.

(MS): - Não esse último... o de 2007, se eu não me engano.

(JM): - Que foi um ano que também na política estava mudando muito.

(MS): - Isso, que foi na mesma época que teve aquela coisa midiática do **Al Gore [verificar 26:30]**

(JM): - O documentário...

(MS): - É... eu costumava até falar para os meus alunos, que eu falava "agora o negócio virou verdade, porque saiu no jornal nacional" não é? [risos]. Até então, não tinha o espaço que tinha. Aquilo ali foi um marco. Realmente ali, ali a coisa tomou um vulto...

(JM): - E aí repercutiu nas agências aqui?

(MS): - Sem dúvida. Sem dúvida. Nas agências e nos cientistas, os caras vão atrás de onde está o dinheiro, não simplesmente no que interessa a eles. Então, sem dúvida, foi ali. E aí a gente avançou pra outro ponto, não é? ou seja, aí o pessoal começou a trabalhar essa questão de elevação do nível do mar que, para a gente, já estava muito claro. A gente continua monitorando até hoje. Que eu acho que dos monitoramentos contínuos surgem outras perguntas, não é?

Como surgiu a variabilidade climática. Então, hoje as pessoas estão falando da elevação do nível do mar e a gente já está falando de variabilidade climática. E, paralelamente a isso, a gente começou a monitorar parcelas permanentes da floresta madura e aí a gente avançou para outra questão que era o sequestro de carbono.

**(JM):** - Hum...

**(MS):** - Que ainda não estava tão...

**(JM):** - Tão colocado. Isso aí que você está falando é mais ou menos nessa época, 2008?

**(MS):** - É, isso aí. Ou seja, eu sempre tive muito essa preocupação de ver lá na frente "pô o que é que é o negócio novo? qual é o desafio novo?" E aí a gente começou a trabalhar com sequestro de carbono. E foi ai que eu resgatei o trabalho da minha tese. Porque aqueles modelos eram importantes.

**(JM):** - Sei...

**(MS):** - Então a gente começou a monitorar, pegar, monitorar o crescimento das árvores, da biomassa e tal. Em Guaratiba, também. Então, Guaratiba se tornou uma coisa assim... experimental, onde a gente começou a desenvolver os métodos. E a partir dali eu comecei a buscar recursos para tentar expandir isso para outros lugares do Brasil. Ou seja, pô, será que isso acontece em outros lugares do Brasil? E aí foi, comecei a correr atrás desse recurso através de projetos, a gente começou com projeto da Petrobrás, ainda no Rio. Em Sergipe, que foi meio problemático para desenvolver esses modelos..

**(JM):** - Foi da petrobrás financiando esses projetos?

**(MS):** - É Pesquisa e desenvolvimento P e D. Dos Royalties que ela é obrigada a investir. Então, a gente foi e começou a fazer isso. E... a tentar responder essa pergunta... deixa eu ver que eu perdi o fio da meada... ou seja, então, de Guaratiba

**(JM):** - Estava expandindo para o resto do Brasil, e foi buscar financiamento para tentar...

**(MS):** - Aí, minha bolsa de pesquisa Cnpq também, pegava Brasil todo, e depois esses INCT's, não é? Mais amplos e tal. E aí, hoje, a gente monitora. A gente tem parcelas permanentes no Brasil todo, ou seja, desde Santa Catarina, até, o Pará. Que a gente monitora anualmente o crescimento.

**(JM):** - Isso no âmbito do INCT?

**(MS):** - De tudo! Vários projetos, ou seja, hoje eu estou aqui contigo, pensando onde eu vou achar o recurso para garantir daqui a dois anos. Entende? Ou seja, eu tenho garantida a coleta deste ano, quer dizer, nem sei mais, não é? Com essa crise, violenta que a gente começa a ter.

Mas eu já estou pensando na coleta daqui a dois anos. Ano que vem está garantido. Porque são muitos pontos. A gente criou um monstro, não é? Então a gente começou a fazer isso. E aí, hoje isso se tornou a principal linha nossa, né. Porque toda a preocupação se voltou para isso. Então, hoje a maioria das teses, das dissertações, e tal, estão muito envolvidas nessa... com sequestro de carbono. Tanto no desenvolvimento de método aqui, quanto no Brasil e tal. Com sequestro de carbono, mas eu sempre falo para não esquecer o monitoramento da elevação do nível do mar, que eu falo "ó, tem que ter carinho por isso, porque a gente é o que é, por causa daquilo lá". Ou seja, essa coisa histórica.

**(JM):** - Entendi.

**(MS):** - Então a gente monitora Santa Catarina, Rio de Janeiro, Três Bahias, na Bahia, Alagoas, Rio Grande do Norte e Pará. E deve começar esse ano em São Paulo que não tinha, e tal. Então, temos monitoramento em tudo que é lugar. E a gente foi ampliando, não é? Ou seja, aí as pessoas começaram a fazer não é? aquela coisa. e eu sempre tentava, de forma frustrada às vezes, pegar a pessoa e "pô, vamos fazer uma rede, uma coisa..." mas aí entra aquela, o âmbito de ego, vaidade, que você sabe muito bem, no meio acadêmico dá um monte de problema. Eu falei, "pô, assim, vai na marra e a gente vai e faz". Então, em 2000, 2002, as pessoas que eu tinha tentado fazer isso, acabaram não vingando, agora, 2010, entram em uma rede, aí eu falo "pô, agora já estamos fazendo". Perdemos tempo, ou seja, com coisas pequenas, discussões pequenas, por conta de vaidade. Agora aí a gente perdeu 8 anos.

**(JM):** - Até conseguir...

**(MS):** - É, até a pessoa se alertar. Então, hoje a gente está trabalhando muito com isso. E evoluiu, desenvolvemos vários outros modelos. Estimativa... Um modelo para cada espécie, para cada tipo de floresta e avançamos. Antes a gente só trabalhava com sequestro na biomassa aérea, que está acima do solo. Hoje a gente está trabalhando no subterrâneo, também. Trabalho com sedimento, também. Ou seja, o sistema todo. Que se descobriu... Se descobriu não. Já se suspeitava, mas tomou muita ênfase isso a partir de uma artigo publicado em 2010, 2011, que mostrou que em alguns manguezais, diz que a maior parte do carbono aprisionado estava no subsolo. E aí, a gente começou a monitorar. A gente, já tinha, já tinha ido nesse caminho, mas não tinha resultado nenhum ainda. E quando você junta todo o carbono do manguezal, tanto o que está acima, quanto o que está abaixo do solo e o que está no sedimento, por área, ou seja, por hectare, tem mais carbono, do que a Floresta Amazônica. Então, ele tem um papel, por área, muito mais relevante do que qualquer outra floresta. A questão é que ele é uma área, é



muito menor. Não dá para comparar a imensidão da Amazônia, com uma tripinha no litoral. É isso. Então, hoje esse é o carro chefe nosso, não é? Ou seja, de sequestro de carbono que de certa forma também está ligado diretamente em mudança climática, por causa de mitigação. Mas aí a gente já foi para outro período. Pegando esse gancho do negócio dos conflitos, dessa coisa mais social, a gente já foi para outro caminho, que é questionar, também, esse modelo de mercado de carbono.

**(JM):** - Ah, sim que era a descrição de **[incompreensível 32:52]**

**(MS):** - Que foi a tese de doutorado da Viviane, que defendeu esse ano, que é discutir, não é? ou seja, o que não é muito bem recebido. É óbvio, cientista da nossa área entra, ele quer entrar naquilo ali, quer mostrar que é importante o mercado de carbono. e a gente começou a se questionar até que ponto a gente está alimentando esse modelo de capitalizar tudo não é? Mercantilizar tudo. Começamos a questionar isso. E a Viviane descobriu que várias linguagens, vários outros... pessoas questionavam. Poucos na academia. Então a gente foi pegar esse discurso de fora da academia, também, não é? de polos tradicionais, ou seja, movimentos sociais que estavam se levantando contra o mercado de carbono. Que sempre vende, é vendido como sendo uma solução, inclusive, para os povos tradicionais.

**(JM):** - O que não é...

**(MS):** - E a gente falou "mas, pô, mas se é para eles, porque eles estão questionando?" E a gente foi estudar isso. E aí, abriu esse caminho da Viviane. Então a gente tenta diversificar isso, mas tudo nessa espinha dorsal, não é? e mudanças climáticas e de...

**(JM):** - Nesse caminho todo que você apresentou, até com grau de síntese alta, assim, teve muitas parcerias internacionais? ou colaborações? ou foi mais você formando uma rede aqui mesmo?

**(MS):** - Teve várias... eu acho assim, teve mais tentativas, do que...

**(JM):** - algo...

**(MS):** - É... a minha primeira vontade, assim, quando eu vi que o negócio estava consolidado aqui, era ter essa coisa que hoje a gente tem, que é ao longo do litoral brasileiro todo. Porque o manguezal... o Brasil é o único país que tem essa amplitude, latitudinal manguezal. Faz desde 27 graus sul até 3 graus norte no mesmo país, no mesmo país. Então ele é um laboratório para tu estudar a influência de diferentes climas. E eu diria mais. No Brasil, não é só diferentes climas, diferentes realidades ambientais, não é? de geomorfologia, mas sociais também! Ou seja, o manguezal, ele é encarado socialmente em Santa Catarina, não é da mesma forma que

é no Pará. Diferentes realidades econômicas, culturais, até política, não é? Ou seja, tudo no mesmo sistema. Então, minha ideia, minha vontade sempre foi essa. E aí, dentro desse negócio tinha uma outra vontade que eu falei "pô, a gente pode ampliar isso, para América Latina e Caribe. Então eu cheguei a conversar, a gente teve um projeto em 2003, que foi até 2005, que foi coordenado também por um colega do INPE. Na verdade ele é originalmente da USP, que era financiado pelo Instituto Interiber Americano e aí, não é? para mudança climáticas, e ele era uma coisa para comparar o que acontecia no holoceno nos últimos 10 mil anos na costa Atlântica com a costa pacífica da América do Sul. Aí entrei meio de gaiato, não entendi muito bem. Eu falei "eu trabalho com presente" mostrei esse modelo de monitoramento na época que a gente ia. E fiquei ali, não é? Tinha umas coisas interessantes. E uma das iniciativas que a gente tomou que eu consegui dentro desse projeto foi tentar começar essa coisa internacional. E eu já estava trabalhando com o pessoal da Venezuela

**(JM):** - Já estava... Já tinha

**(MS):** - ...Pensando nisso, porque eles tem um sistema parecido com o nosso de planície hipersalina e tal. Já tinha ido algumas vezes, temos um colaborador venezuelano, até hoje, por conta disso. E aí dentro desse projeto, e aí fui lá. Fui eu e uma outra coordenadora, foi lá conversar com os venezuelanos. Cheguei a fazer uns trabalhos de campos com eles para se estabelecer, mas aí o ambiente político não estava legal, já. Entendeu? E a universidade já estava sendo perseguida, não tinha segurança. Naquela época já não tinha. Aí não foi para frente. E tinha contato com o pessoal de Porto Rico de algumas pessoas na Flórida que era para fazer e posteriormente na Colômbia, para fazer isso com a gente. Cada um está na sua realidade, no seu tempo, não é? A gente já estava com uma coisa mais avançada e acabou não vingando. Não vingando assim, como uma rede, não é? E mais recentemente a gente conseguiu fazer uma parceria, teve até doutoranda nossa que foi fazer sanduíche com o pessoal da França que estavam desenvolvendo uns modelos e umas coisas alternativas na Guiana francesa. Então a gente foi, fez uma expedição lá, para Guiana Francesa, para trocar umas ideias. Um pessoal muito de modelo, pessoal muito de geologia. E a gente com a parte da vegetação. Isso aí vingou uma coisa legal. Vieram aqui também, ano passado a gente ia fazer uma expedição. Acabou tendo por conta deles, já com outros colaboradores da Alemanha e tal. A gente acabou não indo quando estourou a epidemia deles de **[incompreensível 37:35]**.

**(JM):** - Ah, sim.

**(MS):** - Eu falei "pô.." "mas isso vai não chegar aqui", mas eu falei "pô, mas eu não vou lá encontrar com ela, não é?" [risos].

**(JM):** - Pegar lá...

**(MS):** - Pô, e acabou não indo... Então, isso avançou bastante, teve muitos produtos. mas nada assim muito de monitoramento a longo prazo. Porque é difícil manter, não é? Por questão de financiamento... ainda mais quando começa uma coisa internacional e tal, aí é mais difícil. O que trava muito é assim, a gente perde muito tempo com a administração. Entendeu? Muito tempo com a administração, ou seja, hoje eu falo para os meus alunos Eu fui pro Campus a semana passada e fiquei feliz, não é? eu falo "pô, eu trabalho hoje, para vocês fazerem o que eu gosto". Eu trabalho para manter a estrutura...

**(JM):** - captar recursos... prestar contas de recursos...

**(MS):** - Exatamente. Para eles fazerem o que eu gosto. Eu vim aqui para fazer isso aí.

**(JM):** - Você tem impressão que essa parte administrativa aumentou cada vez mais assim, no dia a dia de trabalho?

**(MS):** - Sem dúvida, porque... Tu começa a criar.. Quanto mais complexa a estrutura, mais difícil manter. E hoje até, às vezes, eu tento voltar um pouco, simplificar um pouco, mas é muito difícil, não é? Que tem muita gente pendurada, não é? dependendo de você. Isso me... Muitos colegas não se preocupam muito com isso, sabe? "Ah, não, o teu papel é formar.." Eu me preocupo, se a pessoa está bem, se ela não está... Entrou nisso, até por tua culpa, não é? ou seja, eu tenho muito essa preocupação com essa galera que está em volta então, isso, eu sei que é exagerado, às vezes, que eu tinha que estar mais "ah, isso aí não me interessa... e tal". Mas faz parte. É da personalidade, não é? cara.

**(JM):** - Deixa eu te perguntar uma coisa, você já falou, também para a parte final, Mario. Um pouco sobre rotina de trabalho, mesmo. Para além das tuas pesquisas e tal. Uma coisa que eu comentei e você sempre fala muito no plural da sua equipe e tal. Isso se tratando de uma maneira, também, um pouco como tu pensa assim, publicações... Por exemplo, quando você começa um projeto, já tem uma ideia clara "o que é que a gente vai fazer depois, um artigo em conjunto?" Você tem essa ideia clara já assim, de início?

**(MS):** - Tem, mas não necessariamente de forma metódica. Sempre... sempre... como muitos tem. Muitos colegas tem, na verdade, muitos colegas já saem olhando o artigo. Eu não. Eu acho que isso é consequência. Obvio, a gente pensa "oh, isso vai virar um artigo". Eu tenho muito mais preocupação, isso, as vezes na cooperação. Porque, como são estudo, muitas vezes que

levam muito tempo e a gente tem um esforço muito grande, e as vezes a pessoa que é de fora, e aí, lá no final quando chega a hora da publicação, esquece a história toda da tua participação. Eu já tive problemas...

**(JM):** - Já teve?

**(MS):** - Já tive problemas... Então isso eu procuro deixar muito claro desde o início. Hoje tem laboratórios de coleta na universidade que trabalha com manguezal, por conta de a gente ter noção de ecologia, de área química, e tal. Por conta de a gente ter impulsionado isso. Isso se perde na história, não é? e na hora dos produtos, você acaba também, sendo...

**(JM):** - escanteado...

**(MS):** - É.. Exatamente. Então isso me preocupa. Agora internamente, um pouco, não é? porque tem muita gente que entra e sai, não é? Mas... eu tento, ao máximo, ser justo com quem efetivamente participou do projeto e tal, que acaba tendo muita gente não é? e informação de vários projetos. Tem muitas interfaces. Da tese de um com a tese de outro.

**(JM):** - Aí tem que fazer esse equilíbrio também...

**(MS):** - É... São desafios. Eu sei, porque eu vi, não comigo, mas eu vi no grupo que eu fiz o doutorado eu vivi colegas que tinham teses com interface tendo problemas. Entendeu? Por causa de besteira. Quando tu olha vira um monstro.

**(JM):** - E aí, digamos, assim, onde você publica, e tal. A equipe pública é algo que você vê a posteriori, assim, digamos, assim.

**(MS):** - É, depende muito do produto.

**(JM):** - Do produto?

**(MS):** - É, depende muito do produto. Mas recentemente a gente tem tido mais cuidado, assim. Até pela questão das avaliações até de início do projeto, pensar. Pensar melhor esse produto, vai para uma revista tal nível, essa vai para tal nível...

**(JM):** - Mas internacional vocês não publicam significativamente? Em língua portuguesa ainda assim, também?

**(MS):** - Ainda.. Muito pouco... mas assim. Muitas coisas dessa área interdisciplinar que é um doutorado em meio ambiente que tem aqui, elas são produzidas em português. Entendeu? Então, muitos desses produtos tem ido para revistas nacionais. Os nossos mangues já tem ido para revistas internacionais. Mesmo que nacionais em inglês, não é? Hoje eu tenho tentado ao máximo... o que de certa forma eu acho um pouco problemático. Eu tenho muito produto nosso que é importante para gestor. E muitas vezes os gestores não... infelizmente eles tem

dificuldade de ler em inglês. Eu tenho um artigo, cara, que é um dos primórdios. Eu olho ele, é até um artigo engraçado. Que ele foi, acho que no último volume que a revista brasileira de biologia produziu em português. Que é o artigo da.. Na lagoa da tijuca de 1999. Ele é um dos meus artigos mais citados que eu vejo assim quando eu pego aquela coisa.... Porque ele é em português. Entendeu? E eu vejo que algumas pessoas tem a dificuldade... e ele tem umas informações interessantes básicas para gestão, para o estudante que está começando... Eu acho engraçado quando eu vejo ele.. Pô, sendo citado ali de novo, em português... e tal.

**(JM):** - Mas aí, como você tem esses trabalhos também em conselhos audiências e tal.. Vocês tentam produzir outros produtos que possam circular mais facilmente? Relatórios...

**(MS):** - É, tem muito relatório. Teve muito.. Por exemplo, esse da Bahia que a gente fez, o... para a criação da reserva extrativista, foi um relatório de 200 páginas... E aí depois a gente pegou pedaços e virou artigo. Pare dele virou tese... Mas ficou lá um relatório que virou a referência. Na Bahia de Guanabara, a gente começou a trabalhar quando teve um derramento em 2000, com a Petrobrás. Então, foi um relatoriozão, que não existia dado nenhum para a Bahia de Guanabara de manguezal. Existia uma parcela quantificada da década de 70. Então, a gente foi, fez e virou um relatório também de 300 páginas, uma coisa assim. E na **Guapimirim foi a mesma coisa [ verificar e incompreensível 43:59]** Então, a gente participou muitas vezes com apresentações também, nesses conselhos... no ministério público... os caras da reserva chamam a gente "ó, vai ter uma audiência pública e a gente precisa de um pesquisador". A gente vai lá e fala e tal. Então tem essa coisa em paralelo... e os comitês todos aí de Brasília, de não sei o que e tal.

**(JM):** - Agora, uma coisa que você falou no... quase no meio da entrevista e agora já no final é algo que eu sempre perguntava. Você mencionou toda essa pressão de publicação que faz muitas vezes o sujeito gerenciar mais a carreira do que produzir conhecimento... Você sente isso pegando, assim? Na tua trajetória, assim? Ou mais você vê na vida dos teus doutorandos, mestrandos, etc.?

**(MS):** - Não, acho que nosso grupo... acho que a gente não tem um nível de publicação top, porque eu tento me preocupar mais com esse outro caminho, entendeu? Eu não estou preocupado, hoje sou pesquisador 2... Mas não estou preocupado em ser pesquisador 1. Entendeu? Não estou.... Cada vez menos. Essa loucura toda cada vez menos. Nível de estresse do cara e tal. E da vez mais me preocupo com o papel social, não é? Ciência para quê? Então, eu vejo colegas, por exemplo, vou olhar o artigo uma análise, uma análise química. É a mesma

análise química, só muda onde fez, o lugar que fez... Ou seja, é uma receita de bolo, não é? Então, isso não me agrada muito. Eu não acho que esse é o caminho. Eu não acho... eu gosto mais é de pensar as coisas novas, não é? de... e tento passar isso para meus alunos. Ou seja, é impor... Tentar buscar o equilíbrio, não é? Porque ao mesmo tempo, se você não produz, você não consegue o espaço para manter essa estrutura toda e tal. Mas também não pode ficar refém dessa produção louca e tal.

**(JM):** - Hum run.

**(MS):** - Que... eu sou um questionador muito forte desse sistema e, ao mesmo tempo, eu tenho aquela coisa de que você tem que ter cuidado em questionar o sistema, então muitas vezes, a melhor forma é você estar dentro do sistema. Porque se você questiona estando de fora, você é acusado de estar questionando por [**incompreensível 46:17**]. Quando eu entrei... e eu vivi isso aqui. A gente tem uma bolsa de produtividade também dentro da universidade.

**(JM):** - É o pró ciência?

**(MS):** - É o pró ciência. Que não é nem dedicação exclusiva. Mas...

**(JM):** - É uma parcela significativa...

**(MS):** - É, o salário da UERJ é muito ruim, então ele acaba sendo... E eu me lembro que quando eu entrei aqui eu fui do comitê de bolsas de iniciação científica. E ainda era visitante, em 97, 98. E aí me chamaram "ah, vamos para o comitê de iniciação?" Fui lá. E comecei a avaliar. Reprovei lá, uns projetos. Aí o falou "pô, mas o cara é pro-cientista..." E foi um mal estar, porque eu era o único que não era pro cientista ainda, eu nem era da universidade... Aí eu falei "ó, eu tenho uma visão diferente de vocês, acho que o fato dele ser prócientista que ele atingiu o paraíso intocável. Acho que pelo fato de ele ser procientista ele tem que ter um produto de maior qualidade. isso aqui não dá". "Ah... mas..." "não dá!" Aí virei pro-cientista e aí fica a coisa mais cômoda, porque tu está dentro do sistema para questionar. E o que eu vejo hoje, eu não sei das outras áreas, mas estava meio que dando um tiro no pé. Conversei com colegas de outros países, eu acho assim, como o modelo, a gente está meio que dando um tiro no pé nesse produtivismo, de uma pseudo qualidade, através dos qualis e tal. Por quê? Porque eu vejo hoje, eu pego assim os moleques mais novos até, os pesquisadores... até um... tu vai conversar com esses caras, ele não consegue falar, conversar sobre o tema, os problemas do Brasil. Sobre a realidade do mundo, sabe? Fora da... está totalmente... Ou seja, da complexidade de coisas além da especialidade dele. E por que é que eu acho que é um tiro pé, porque esses caras estão focados ali, estão produzindo como o sistema quer, estão crescendo dentro desse sistema... São

esses caras que vão estar lá nos comitês daqui uns anos, definindo as prioridades e os caminhos a serem... pessoas que não conseguem nem conversar sobre o mundo. Questão de vida... acho que tem que ter uma formação além disso. Isso me preocupa, eu fico... eu fico assustado... [incompreensível 48: 43] aí tu vai ver o histórico... eu tenho até colegas aqui que... que foram contemporâneos aí, que tu olha e fala "cara", o cara levou dez anos para passar em calculo 1, [riso]. Então, tu não tem uma... é complicado. É o caminho que a gente está indo. E eu vejo isso, porque... e os caras que me formaram, os caras tinham aquela visão mais de slow science, que é o movimento que estão tentando resgatar agora. Os caras estão ficando, não é? Aí eu olho assim, eu participo de um programa de ecologia da UFRJ, programa 6. Conceito dele é 6. E volta e meia eles mandam aí: tabela de quantas vagas por docente, aí tem uns cálculos de produção, fator de impacto. Aí eu olho aquilo, aí eu vejo assim os caras que são os top, que formaram a gente, estão abaixo, na produção... Razoável. Vou te dar assim um parâmetro com um valor 7, e os moleques novos, 50! Falei "cara! Está errado!" Esses caras que...

(JM): - Deram uma contribuição mais original...

(MS): - Original, exatamente. E eu tive um exemplo desse, até o Gustavo que é professor visitante aqui, que fiz doutorado lá na ecologia. Eu convidei um professor da USP, que dizer, sugeri o nome dele que era um professor da USP que eu tinha convidado para ser banca no meu doutorado. Quer dizer, um cara das antigas. E ele não pode ser banca no meu doutorado, porque ele tinha um compromisso lá. Pô, mas o cara que seja banca do meu doutorando agora. Eu nem sabia. Aí o colegiado mandou e-mail e falou "ó, **Marílio [verificar 50:29]** não é pesquisador do Cnpq. Falei "porra, como não?" Aí eu falei "mas o cara tem que vir! O cara é referência!" É um cara que dá contribuição, é um cara... sabe? Aquela visão meio naturalista, um cara que simplesmente abriram mão. Falei, ó, nesse ritmo eu não vou entrar. Entendeu? Nessa loucura eu não vou entrar. Meu caminho é esse aqui, e tal. E aí aceitaram. O cara veio e acertou. Então essa é uma visão que eu tenho, pode estar equivocado, mas é o que eu sinto. Eu sinto que a gente está em um caminho que está cada vez mais se descolando mais da realidade e da capacidade. A gente está dando muita força até para a superficialidade, por mais que tu ache que é aprofundamento, que o cara está publicando, é uma superficialidade. É a receita de bolo. E até muitos caras para a mediocridade. Então, isso até me desanima, às vezes. Eu fico refletindo muito sobre as coisas. E eu tento... E eu falei para o meu aluno, quando o colegiado meio que ameaçou negar, "ó, esse é o exemplo que eu falo para você" são esses caras que pensavam, foram esses caras que formaram uma geração, e isso está se perdendo. Você já não

está tendo mais essas pessoas. Que em alguns textos a gente vê, que é o cientista pensador, não é? O pesquisador pensador. Não tem mais isso. É cientista, não tem mais o cara que pensa. Pensa a realidade. Pensa os problemas. Onde você se... onde tua pesquisa se encaixa na realidade do país, do mundo. Não estão preocupados com isso. E de certa forma tu alimenta o sistema não é? O sistema que eu digo, é um sistema que interessa que não se pense. Para que é que eu vou querer um cara bem formado pensando? Tem que deixar esse cara ocupado. Então, se tu não exige dele ser produtivo, sobra tempo para ele pensar. Se for parar para pensar, isso aqui que eu estou fazendo contigo, tem colegas que acham perda de tempo. O cara jamais ia dar uma ou duas horas. Pô, o cara não quer nem dar aula, não é?

**(JM):** - Graduação então...

**(MS):** - Acha que perde tempo dando aula, podia estar escrevendo artigo. Então é... Meio que um desabafo.

**(JM):** - Última pergunta que eu faço para todos, é... Redes sociais hoje alguns colegas usam, tem cientista que tem blog, etc... Tu está nessa, você segue? Se interessa?

**(MS):** - [riso] Eu sou antiquado quanto a isso. Meus alunos mantêm aí um facebook com o nome do laboratório, mas eu não. Nem facebook eu tenho. Não mantenho, mas eu reconheço assim, que tem uma utilidade, não é? Até a página nossa que a gente começou a fazer parou, porque a gente não tem nem a homepage do laboratório. Mas acho que é importante. Mas eu pessoalmente, não tenho.

**(JM):** - Tem essa... Tem o... Tem de certa maneira o logo do núcleo de estudos, não tem um sitezinho?

**(MS):** - Tem, mas está desatualizado.

**(JM):** - Ah, tá.

**(MS):** - E... mas eu vejo que é importante. Tanto que a gente participa da... estava outro dia, falando quando a gente se inscreve no research gate, não é? Dá baita visibilidade.

**(JM):** - Vocês estão como?

**(MS):** - Estou como pesquisador.

**(JM):** - E os outros?

**(MS):** - Também. Mas assim, quem está ... meus alunos entram

**(JM):** - eles que dão upload nos papers...



**(MS):** - Não, eu entro no meu, mas eles também entram no deles. Dá uma visibilidade, isso aí. Sem dúvida, não é? Um meio de acesso, várias coisas outras mídias, esse é mais o meu meio. Resistência a essa...

**(JM):** - Aham.

**(MS):** - Mas acho que é o caminho. A gente vai seguindo naturalmente, não tem como fugir.

**(JM):** - Está bom, Mário. Queria agradecer pelo teu tempo, achei muito legal.

**(MS):** - No que precisar... não consegui agendar...

**(JM):** - Cara, mas na verdade... deixa eu interromper aqui

[FIM DO DEPOIMENTO]